

# LITERATURA ALÉM DA LETRA: O PAPEL DOS OBJETOS E DOS LUGARES NA COMPOSIÇÃO DOS PERSONAGENS E CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

*Isabelly Cristina Gonçalves Costa*

*Orientador: Pascoal Farinaccio*

*Mestranda*

**RESUMO:** Analisar o entorno faz parte do estudo da relação humana, pois uma vez que o exterior reflete aquilo que é projetado inconscientemente para o mundo das coisas pelo interior, fazendo assim com que o “mundo das coisas” seja um sintoma ou um mesmo um reflexo do que é o interior de uma pessoa, há de compreender-se que se não há harmonia no ambiente, não há também harmonia na relação entre as pessoas que convivem entre si (HILMANN, 2010). O presente trabalho tem por objetivo analisar o valor simbólico do ambiente/lugar e demais elementos cenográficos nas obras *Mundo Inimigo*, da coleção *Inferno Provisório*, do romancista Luiz Ruffato, e sua adaptação cinematográfica intitulada *Redemoinho* (2017), do diretor José Luiz Villamarim, a fim de explicitar a relação entre eles e os personagens, revelando a profundidade psíquica e importância psicológica dos objetos (HILMANN, 2010) e o quanto o que ambiente pode refletir o estado interior de uma pessoa/personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Objetos e Coisas, Adaptação Cinematográfica

## **Introdução**

Todo ser humano ao longo de seu crescimento e desenvolvimento, englobando todas as fases de sua vida, tem algum momento que possui valor afetivo guardado na memória e, não raro, relaciona esse momento a um lugar e/ou objeto específico que fez parte dessa experiência. E a partir do instante em que os objetos presentes nesses momentos nos marcam emocionalmente, que damos importância a esse algo, segundo Bodei (2013) não se trata mais de um simples objeto, mas torna-se uma “coisa”, ou seja, esse artefato passa a ter outro significado para o indivíduo que o associa a uma lembrança importante ou especial de sua

vida, imprimindo assim, valor afetivo ao objeto, que deixa de ser algo corriqueiro para tornar-se único, para tornar-se uma coisa particularmente especial.

Entretanto, seguindo essa reflexão de atribuição de valor a um objeto tendo como ponto de partida uma experiência individual, pode-se afirmar também que, não necessariamente, a experiência que marca o indivíduo é de caráter positivo, um objeto ou lugar também pode remeter a experiências negativas, conferindo um valor emocionalmente negativo a esses elementos. Pode-se também tomar os objetos como símbolos que representam algo que se gostaria de ter ou ter tido.

São muitas as representações que podem ser conferidas aos objetos e aos ambientes que os fazem tornar-se coisas, visto que, como aponta a reflexão de Hillman (2010) de que o mundo é almadado, ou seja, as coisas ao nosso redor tem alma e expressividade, tudo o que há no ambiente possui profundidade psíquica “porque a psique inclui o mundo - há alma em todas as coisas. Cada coisa de nossa vida [...] construída tem importância psicológica” (HILLMAN, 2010, p 81).

Na esfera artística são múltiplas as facetas e simbologias que um mesmo personagem ou um objeto podem ter. O cenário, seja de uma peça de teatro, de uma filme ou em uma cena narrada em um livro, também é parte constituinte da história, pois não apenasorna e delimita o espaço cenográfico como também auxilia na criação do ambiente, refletindo a atmosfera da trama encenada. Desta forma, todas as peças componentes do conjunto de uma obra possui relevância, uma vez que são pensadas não apenas para ornamentação e preenchimento de espaços, mas são adotadas com o propósito de corroborar algo. O ambiente no qual os personagens se encontram e os objetos circundantes refletem o que é projetado pelo inconsciente como forma de expressão.

À vista disso, o conto *Amigos*, pertencente à obra *O Mundo Inimigo*, da coleção *Inferno Provisório*, do romancista Luiz Ruffato, bem sua sua adaptação cinematográfica intitulada *Redemoinho* (2017), do diretor José Luiz Villamarim, terão seus ambientes, externo e interno, e objetos cenográficos analisados sob a perspectiva da psique do mundo e alma das coisas, conforme reflexão de James Hillman, em sua obra “O Pensamento do Coração e a Alma do Mundo” (HILLMAN, 2010), na qual aponta um mundo almadado, ou seja, todas as coisas possuem profundidade psíquica, salientar os aspectos representativos que permeiam as histórias dos personagens corroborando os aspectos não apenas sociais no qual cada cada qual encontra-se inserido, como também explicitando a camada interior dos mesmos.

*O Mundo Inimigo* tem como cenário a pequena Cataquases, cidade natal do autor localizada no interior do estado de Minas Gerais, em um momento de industrialização, tendo como principal representante a fábrica de tecidos da cidade, e o evidente contraponto entre o imaginário rural e o imaginário urbano (como diz o próprio Ruffato na entrevista “A Literatura segundo Ruffato”, para a Revista da CESP em 2007) representado nos sonhos e ambições, bem como nas frustrações dos personagens.

### **Amigos**

No conto *Amigos*, Gildo e Luzimar, os amigos de infância, reencontram-se após anos sem contato. Luzimar e a separação logo se mostra para além geográfica, mostrando como os personagens tornaram-se opostos um do outro. Luzimar permanece simples, mudou-se do paupérrimo Beco do Zé Pinto - cenário principal dos contos, no qual, todos os personagens possuem algum ponto de ligação -, e continua trabalhando na única fábrica da cidade, sem perspectivas nem ambições, casado com uma mulher simples. Gildo, por sua vez, retorna à Cataguases impregnado dos padrões urbanos de São Paulo, desprezando toda a pobreza de sua antiga cidade.

O personagem Luzimar é apresentado em toda sua simplicidade e limitação, não se vê ao longo da narrativa que exprime seus pensamentos qualquer inconformismo ou desejo de mudança frente ao impasse de querer comprar um agrado para a esposa Soninha e não ter condições financeiras para tal, o que se vê é apenas resignação e uma possibilidade de empréstimo:

[...]panha a bicicleta, e devagar, corta a Vila Domingos Lopes (pernas loja em loja ziguezagam) *levar alguma coisa pra soninha tenho de arrumar dinheiro [...] seu zé pinto quem sabe o décimo terceiro ela merece [...] depois depois eu dou um jeito*, duvidoso transpõe a pracinha (moleques zonzem uma bola dente-de-leite) *será que ele empresta?*, entra na Vila Teresa, *assino promissória, com efeito!* (RUFFATTO, 2006, p. 15)

Dessa forma, apesar de tentar encontrar uma maneira de comprar seu presente, não há no personagem nenhuma contrariedade com sua própria situação de vida, nem condições financeiras que poderiam despertar nele uma força motivadora que poderia levá-lo a buscar uma ascensão profissional e estabilidade financeira. Ao contrário disso, o personagem encontra em uma dívida algo que traria uma satisfação provisória, mas que o enterraria ainda mais em sua vida de restrições.

Assim, o andar lento da bicicleta poderia simbolizar o próprio andamento da vida de Luzimar e, até mesmo, de sua própria cidade, que permanece a mesma através dos anos, bem como seus habitantes. A bicicleta, lenta e resignadamente corta o rio, a ponte e as cidades, assim como a vida vai cortando Luzimar, vai cortando a cidade e a cidade vai cortando a vida.

Em contrapartida, enquanto a bicicleta de Luzimar quase o derruba no chão em frente à antiga casa de Gildo, um elemento destoante de Cataguases surge no cenário precário e rural: um fusca verde originário da urbana São Paulo. O encontro em os amigos evidencia que a separação ultrapassou os limites geográficos e adentrou na esfera social bem como na pessoal.

Gildo apresenta-se tal como ele se tornou com o tempo fora, trajando “bermudas jeans, camiseta-de-propaganda puída, chinelo havaiana” (RUFFATO, 2006, p. 16), ou seja, o vestuário como representação estética de uma pessoa transformada pelo espaço urbano e pelas possibilidades que a metrópole oferece aos que lá vivem. Gildo faz questão de ser e aparentar algo mais se comparado à pobreza e mesmice do lugar no qual se encontra, mas ao qual não pertence mais. Luzimar sujo, com vestígios de sua vida difícil, limpa a sujeira que fábrica deixou em suas mãos e roupas, ajeita-se perante o amigo. As marcas de suas dificuldade estampadas no corpo. A graxa denuncia seu tipo de vida. Ao tentar remover a sujeira, Luzimar não está apenas limpando-se, mas tentando manter-se apresentável ao amigo bem sucedido, sem os vestígios da vida do interior.

Na sala de Dona Marta, mãe de Gildo, nenhum vestígio da modernidade nem das condições financeiras que fazem parte da vida do filho que está de visita, além do presente que ele traz à mãe, uma televisão cara de última geração, exibindo próspera situação de vida, logo após arrancar as capas do sofá como se, assim, arrancasse também a aparência da pobreza que tanto o incomoda e perturba.

O diálogo que se passa entre Luzimar e Gildo, inicia com as lembranças de infância até chegar na partida e Gildo, mudança de Luzimar e atual vida de ambos. Em todo o tempo Gildo dá ordens à mãe para buscar bebida e ignora os pedidos de ambos de encerrar a visita. Luzimar, desconfortável não quer ouvir as vaidades nem desdêns de Gildo; Dona Marta anseia por um brinde de sidra, por um momento de afeto com o filho, ela deseja a reunião familiar, mas seus desejos não são ouvidos. Após Gildo, bêbado, prometer comprar um

presente para Soninha e levar Luzimar para casa no fusca a fim de impressionar a esposa do amigo, mostrando seu status, a visita segue seu curso para o desastre.

O personagem mostra-se cada vez mais incomodado em estar na sua antiga casa e conta sua tentativa de sentir-se em um ambiente familiar. Entretanto, as tentativas são falhas, uma vez que Gildo tornou-se um estrangeiro em sua terra. Ele conhece os lugares, mas não se reconhece mais ali, conhecer as pessoas, mas não sabe mais quem elas são. As coisas são apenas aparentemente as mesmas, mas a vida tornara-se outra. Nada é mais o mesmo como dito pelo personagem:

- não conheço mais ninguém Luzimar... Ninguém! Cheguei de manhã, cansado fui dar umas voltas, ver se encontrava alguém pra conversar, trocar umas ideias... Mas...que nada... Eu reconheço as casas, o calçamento, as árvores, tudo é mais ou menos igual... Mas é como se fosse um outro mundo... As pessoas são outras, Luzimar, e a cidade é deles, não é minha mais, entende? Não é mais a minha....(...) (RUFFATO, 2005, p. 24).

Dessa forma, a oposição cenário rural X cenário urbano evidencia-se tornando a construção do imaginário que ambos fazem das duas cidades algo mais palpável. Ainda que Luzimar ouça as vantagens da cidade-metrópole, Cataguases continua sendo sua cidade. Gildo, ainda que tenha sido criado ali, não pertence mais à rotina pacata, não pertence à classe operária que a fábrica forma, não pertence à pobreza. A representação do desenvolvimento industrial que a fábrica oferece ainda não é suficiente:

Você devia é ir pra São Paulo, cara. Logo-logo arrumava uma colocação, ia ganhar muito dinheiro, ficava bem de vida!  
-Bobagem, Gildo... Pra mim não dá mais não... Agora, então, que casei...  
-Mas você não tem onde cair morto, cara! Desculpe eu falar assim, mas é mentira? Você tem que largar isso aqui, ir embora... Tem um mundo te esperando lá fora... (RUFFATO, 2005, p. 23).

A obra apresenta a todo instante o balanço entre quem vai e quem fica na cidade de cataguases. Assim, sem nada que o constrangesse, Gildo, figura que representa a grande migração no período do desenvolvimento industrial, enaltece São Paulo, seu crescimento profissional na metrópole, e insulta o amigo, sua vida e toda a cidade de Cataguases como um grande beco sem saída, reforçando o estereótipo interior X metrópole :

-Eu tenho pena de você, cara. pena mesmo, juro... [...] Já estou até vendo: daqui a pouco vêm os filhos, uma fileira deles, e você aí, dando duro na fábrica... O salário não chega, eles param de estudar, vão pegar no batente pra ajudar... E você ficando velho... Um dia, quando você menos perceber, acabou... é o fim da linha.



-Ê Gildo, quem é você pra falar assim comigo?

-Eu? Ninguém... Mas espera pra ver... Eu me dei bem, entende? Todo mundo que foi embora se deu bem... Agora o pessoal que ficou aqui..." (RUFFATO, 2005, p. 25)

À vista das considerações de Gildo, a cidade é vista como a única grande chance que qualquer pessoa pode ter para fugir da monotonia e estagnação. Ficar no interior significa previsibilidade, pobreza e dificuldade. São Paulo, ao contrário, é como um bilhete de loteria premiado, qualquer um tem a chance de ter um vida diferente, é o foco da grande evasão daqueles que não se acomodam com a pobreza. A cidade grande oferece poder econômico, conforto e modernidade. A visita é encerrada por Luzimar, que foge da presença desagradável e indesejada que Gildo se tornou, enquanto ouve novas ordens em direção à dona Marta para que ela pegue ainda mais cerveja, mas vendo que Luzimar não volta, o despede com ofensas.

Apesar da resolução de não permanecer com Gildo, Luzimar não confronta verdadeiramente nenhuma das afirmações que ouviu, apenas foge. O personagem pega a bicicleta e, mesmo "pedalando rapidamente" (RUFFATO, 2005, p. 25), ele não está em busca de algo, não reflete sobre sua vida, escolhas e como será seu futuro, Luzimar apenas corre para sua zona de conforto, para uma nova dose de bebida, sem nenhum senso crítico a respeito de si, enquanto sua esposa passa o natal sozinha quase meia noite. Esse personagem faz parte da construção da classe operária, é o operário conformado, mão de obra, que não faz parte da massa da migração rural (RIGUETTO, 2016).

Percebe-se também que durante as horas que Luzimar na casa, a matriarca esteve durante uma parte do tempo "[...] num canto [...] sentada à luz de um abajurzinho, tricotando.", rememorando os tempos em que a casa era preenchida pelos filhos ainda crianças, o marido ainda vivo e pela alegria, enquanto de vez em quando obedecia as ordens do filho por mais cerveja. Dona Marta representa aquele que fica na cidade, ainda que todos ao seu redor tenham partido, ela é aquela que tem suas raízes fincadas, mesmo que isso lhe traga solidão (RIGUETTO, 2016).

Na esperança de uma última tentativa de estar com o filho no natal, mais uma vez, dona Marta o chama para abrir a garrafa de sidra que Gildo trouxe, mas novamente é deixada de lado e o Gilmar vira de costas dormindo. Apesar de ter um dos filhos na mesma casa, ela permanece sozinha. A cidra que, no imaginário dela, iria reaproximá-los, proporcionar a eles um momento de aconchego, continua fechada.

## Redemoinho

A adaptação do diretor José Luiz Villamarim tem como base o conto *Amigos*, da obra de Ruffato, embora também explore algumas nuances da história de Hélia, irmã de Luzimar. *Redemoinho* traz os personagens principais durante todo o longa avaliando o rumo de suas vidas ao mesmo tempo em que revisitam o passado e o ponto que marcou o grupo de amigos de infância, deixando à dupla o legado da culpa e responsabilidade pela morte de um amigo jogado no rio que passava por baixo da ponte na qual as, então crianças, jogavam bola.

A opção de Villamarin foi manter determinados aspectos da composição literária, como o encontro entre os personagens principais do conto, o ambiente e a trajetória de cada um. Entretanto, diferentemente dos contos de Ruffato, a época é a atual e alguns relacionamentos como o de Gildo e Hélia - inexistente no conto -, o casamento de Luzimar - com uma ex-prostituta no longa - e a morte de um amigo do grupo - afogado no rio na adaptação e desaparecido no conto - foram alterados.

Villamarim explora os recursos sonoros em seu longa metragem, o barulho da fábrica, do trem e da água, tanto pela chuva torrencial quanto pelo grande volume de água do rio. As primeiras cenas no filme começam com uma forte chuva enquanto mostra a ponte que atravessa o rio e à medida em que a câmera avança pela ponte, o barulho de água aumenta para depois cortar para a fábrica em pleno funcionamento na véspera de natal. Novamente, o barulho é o ponto principal da cena e o ruído das máquinas sobressai a qualquer outro som ambiente. O aparelho auditivo de Luzimar denuncia as consequências da exposição diária ao som. A primeira cena da chuva e da ponte repete-se ao longo do filme, primeiramente mostrando não o onde o reencontro dos amigos irá, mas para sim para onde eles voltarão.

O close na nuca de Luzimar, mostra nitidamente o aparelho de surdez que revela sua deficiência auditiva, anuncia um personagem que, mesmo prejudicado pela rotina, permanece estagnado no emprego que afeta sua saúde, permanece em sua zona de conforto, sem indícios de nenhum desejo de mudança. O diálogo curto e reservado entre Luzimar e Hélia dá o tom reticente do personagem e, em contrapartida, nota-se a evidente diferença entre ele e o antigo amigo Gildo. Enquanto nas tomadas de Luzimar, o mesmo permanece sempre meio parado, nas cenas de Gildo, os movimentos são mais amplos e rápidos, desde suas primeiras aparições atravessando a estrada de São Paulo até sua cidade natal. Gildo está coberto de vestígios urbanos, desde as roupas, até os modos mais abertos e tom de voz mais alto. O carro do personagem mostra sua estabilidade financeira e o quanto o personagem em todo seu conjunto

está mais para paulista do que mineiro, mostra-se ao longo de sua estadia na casa de sua infância, não apenas um estrangeiro na sua cidade natal, por não conseguir interagir e sentir a cidade como antes, mas por também aparentar não ter nenhum vínculo afetivo com São Paulo (RIGUETTO, 2016).

O trajeto de volta para casa se mostrará um caminho de volta para o passado a medida em que ele não apenas encontra Luzimar, mas revive os principais momentos de sua infância e adolescência que levaram ambos ao presente momento. Na casa pobre da mãe, o presente de Gildo para a mãe, uma televisão mais moderna que os demais elementos da decoração, destaca-se, bem como o próprio Gildo, que não apresenta os trejeitos comedidos daqueles que ficaram, mas gaba-se do presente enfatizando o alto custo e os diferenciais do eletrodoméstico.

O ângulo que capta a vista de fora da janela para dentro da sala permite ver todo o cômodo: o sofá, a caixa fechada da televisão, quadros e tudo o que compõe o espaço. A aparência pobre narrada por Ruffato é preservada no longa de Villamarim. Esse cenário reflete as condições não apenas financeiras da atual moradora e sua simplicidade, como também as lembranças que ela guarda ali. Passado e presente encontram-se dentro daquela sala e as memórias da infância e do afastamento, assim como as cicatrizes que cada um carrega vão pouco a pouco aparecendo.

Os personagens iniciam a visita com um diálogo a respeito da vida profissional de cada um. Enquanto Luzimar, permanece modesto, contando as promoções que conquistou na fábrica de tecidos, Gildo mostra-se vaidoso ao falar de sua satisfação com o emprego, o dinheiro que ganha, o carro que tem e a vida que leva. A postura do personagem parece condizer com sua personalidade e convicções, mostrando-se arrogante ao desdenhar do que diz respeito à terra mineira.

Contudo, apesar de Gildo aparentar a necessidade de afirmar a todo o tempo que sua escolha foi a melhor decisão, suas falas a respeito de tentar encontrar alguém para conversar, tentar reconectar-se ao lugares conhecidos e a recusa de permitir que Luzimar vá embora, bem como precisar afirmar que estar ali é fim de vida, poderiam sugerir que migrar foi, na realidade, estar carente afeto e acolhimento, como mostram as cenas em que ele aparece sozinho afastado de Luzimar, em casa e quando confronta Hélia sobre o rompimento devido à pobreza dele, motivo talvez do personagem ter feito questão de visitá-la, obrigando Luzimar a levá-lo até ela.

A medida em que os personagens conversam sobre a vida em Cataguases e a vida na cidade, outros personagens ganham destaque, como a esposa de Luzimar, a ex-prostituta Soninha, que apesar dos esforços para reunir a família, não apenas fica sozinha no natal, como sofre um estupro dentro de casa por Zunga, homem que costumava ser amigo de Gildo e Luzimar, mas com a morte de Marquinhos, menino que foi jogado no rio por Gildo e Luzimar, vaga transtornado pelas ruas, sendo uma das consequências da morte do irmão.

Nas cenas de Dona Marta, sempre a vemos em um dos cantos da casa sozinha. A personagem sempre à parte e nunca o centro das atenções revela como a personagem vive, rodeada de lembranças em casa, mas sempre sem companhia. O filho está em casa, mas não lhe dá atenção, Gilmar telefona, mas não irá vê-la. Dona Marta lamenta não ter mais sua casa cheia de gente e de alegria, rememora os bons tempos antes de precisar ir, pois com a venda de sua casa, todas as paredes que abrigaram sua vida e testemunham o crescimento de seus filhos, será demolida.

Dona Marta, ao contrário dos filhos, não pensa em ir embora. Entretanto, Gildo vê a falta de urbanização, de opções e o lento desenvolvimento como um atravancamento para qualquer objetivo que envolva crescimento e ambição, como revela a cena em que, já bêbados, Gildo e Luzimar discutem após Gildo desdenhar da vida que Luzimar irá levar em Cataguases.

O embate entre os personagens nesse ponto chega ao ápice da tensão e o confronto quase se torna em violência. A briga evolui, então, para o verdadeiro motivo do afastamento de Gildo e reserva de Luzimar, a morte que eles provocaram quando jogaram um amigo no rio para trazer de volta uma bola de futebol. As acusações entre os personagens sobre quem seria o responsável pela morte de Marquinhos revelam a culpa que cada um carrega e as marcas profundas de um ato que continua gerando consequências mesmo após vários anos.

Em Gildo percebe-se que todo o seu sucesso longe de casa não o curou dos traumas passados. O remorso por ter participado de uma morte, ainda que sem a intenção de provocá-la, e a decepção amorosa que Hélia lhe causa são aos poucos abrindo-se à medida que o personagem fica bêbado. Embora Hélia não tenha namorado Gildo na obra de Ruffato, mas um personagem secundário, Villamarim faz a personagem depara-se com a realização de seu sonho concretizado na vida Gildo, tendo-o desprezado por pensar que com ele jamais teria a vida que sempre sonhara. Entretanto, ele alcança a prosperidade em São Paulo enquanto ela permanece presa à vida que nunca quis na cidade que sempre desprezou.

Gildo e Luzimar terminam o filme brigados após virem à tona todos os sentimentos que envolviam a morte de Marquinho, e as contraditórias emoções que Gildo demonstra, ora mostrando-se melancólico e infeliz, ora reafirmando-se como um vencedor por ter saído, sobrevivido, crescido e por, com sua parte do dinheiro da casa, levar as filhas para a Disney. Luzimar volta para casa e recebe a notícia de que sua esposa está grávida, sem saber o que sucedera à esposa momentos antes. A vida em Cataguases continua a mesma.

### Representações

Os elementos das obras tanto literária quanto cinematográfica corroboram não apenas o que cada personagem demonstra, como também o que não é dito. Em *Amigos*, tem-se o fusca e em *Redemoinho* um carro que também é considerado um dos mais modernos, e ambos representam prosperidade e status para Gildo, o resultado e a prova das suas conquistas, dos seus esforços para mudar de vida e não ser como seus conterrâneos. É de carro que ele chega para mostrar que não pertence mais à Cataguases, o carro é esse objeto mostra não apenas às outras pessoas, mas a ele próprio que permanecer na cidade jamais teria proporcionado a ele qualquer condição de ter bens materiais. Gildo foi embora no trem que corta a cidade e de ônibus, mas o Gildo que volta não é o mesmo que partiu, logo o meio que o traz de volta também é outro.

São os bens materiais os parâmetros de Gildo, sua referência para julgar o que significa uma vida satisfatória. Ao chegar para visitar a mãe, tanto em *Amigos* quanto em *Redemoinho* o personagem traz uma televisão de presente para mãe, entretanto é em *Redemoinho* que pode-se vislumbrar a diferença de realidade da mãe para o filho. A sala modesta descrita por Ruffato tem sua essência preservada por Villamarin, para com a diferença apenas de que se na obra literária a história se passa aproximadamente entre os anos 60 e 80, na obra cinematográfica os personagens vivem no século XXI. Dessa forma, a televisão comprada é de última geração e contrasta com a simplicidade do ambiente: o sofá, a pequena cômoda que suporta a antiga televisão, um porta retrato do falecido patriarca, mesinha de centro, todos elementos modestos e visivelmente antigos, nada que se compare ao novo artigo que comporá o cômodo. A televisão que Gildo traz gabando-se por ter cabos, entradas e qualidade, mostra o quanto mãe e filho distam não apenas de realidade, mas de prioridades. O filho pensa estar proporcionando lazer para a mãe, uma distração, como o eletrodoméstico suprisse a falta da família.

Dona Marta, por sua vez, apesar de dizer que poderá ver o Roberto Carlos na televisão no natal, deposita maior valor afetivo na garrafa de sidra que o filho trouxe, uma vez que a expectativa é tentar recuperar um pouco do ambiente familiar que ela lamenta ter se perdido no tempo com a evasão dos filhos. A cidra que D. Marta tanto insiste em beber com o filho no natal aponta para toda a saudade e melancolia presente na vida da solitária matriarca ansiosa por um momento familiar e maternal com o filho distante. O brinde com a sidra não corresponde apenas à um momento de confraternização natalino, mas a uma esperada aproximação com o Gildo, um momento de alegria para ela guardar e se orgulhar na sua ausência. Momento esse, aproximação essa que nunca acontecem. A garrafa não é aberta, o brinde não é feito, a mãe chama e Gildo dorme bêbado.

O brinde que para a personagem significa um momento de afeto e reunião nessa casa que, para Dona Marta é o espaço das boas memórias, de uma vida familiar alegre, mas que, entretanto, para Gildo representa um passado de dificuldade, pobreza, restrições e uma vida que não corresponde aos seus padrões já estabelecidos e consolidados e nem às suas expectativas e definições de felicidade e conforto.

Todavia se no que tange a Gildo, o importante são os bens materiais e a fortuna, para Luzimar não esses os padrões norteadores de sua vida. Enquanto o amigo ostenta um meio de transporte de última geração, Luzimar anda na sua bicicleta. O meio escolhido pelo personagem, apesar da justificativa de ser benéfico à saúde, também representa a morosidade, a lentidão, o conformismo, resignação de pessoas que vivem num ciclo que não ultrapassa a rotina nem busca efetivamente a prosperidade, apenas pedalam e adaptam-se, como o próprio Luzimar. Atravessam a cidade, a ponte e a vida.

O local de trabalho de Luzimar, a fábrica de tecidos, forma a classe operária da cidade, sendo a melhor opção de quem não possui nenhuma outra. A fábrica representa o lento desenvolvimento da cidade, a maior referência de urbanização que Cataguases possui, mas que ainda assim, para alguns habitantes não passa de mais uma forma de enraizamento na cidade. Enquanto, para outros, que não possuem nenhuma ambição, é a fonte de orgulho em uma vida sem nenhuma perspectiva promissora.

Principalmente em *Redemoinho*, a ponte é início, travessia e ponto final. Debaixo da ponte o rio que passa é o mesmo que mata. As águas que afogaram Marquinhos tragaram também o sossego, minou a amizade de um grupo que antes só tinha como preocupação uma bola. O peso da água também corre sobre eles. Essas águas têm peso duplo para Gildo. Em

diálogo com Luzimar, ele conta como encontrou Hélia um noite na ponte prestes a se matar. Essas mesmas águas que arrastaram Marquinhos, são as que chamam Hélia para o fim, são as que representam a saída da vida que ela não quer, da vida que ela não consegue sair. As águas trazem as forças de Hélia antes mesmo dela se jogar. As águas levam tudo e a personagem quer isso: ser levada, senão de um jeito, então de outro. O desejo não se concretiza. Hélia é salva do suicídio, mas não é salva de sua vida, e nessa permanece. Hélia apenas sobrevive.

A história entre Luzimar e Gildo tem um ponto final com o desentendimento entre eles, entre ofensas e desculpas de Gildo, a fuga de Luzimar e a solidão de Dona Marta. A cidade é marcada por chegadas e partidas e cada um dos personagens centrais está sendo representado naquilo que não diz.

Deste modo pode-se observar a relevância dos objetos, do ambiente e do espaço na construção psíquica dos personagens e, visto que esse elementos funcionam como uma projeção da alma e da personalidade de cada um. O papel dos objetos está além da estética e da utilidade, uma vez que é representação e reflexo, tem a alma que damos, pois “a alma do objeto corresponde ou une-se à nossa” (HILLMAN, 2010). O cenário e ambientes construídos não delimitam apenas um espaço, os objetos apenas não preenchem lugares vazios. Tudo o que envolve a construção e montagem da história corroboram sua atmosfera.

O ambiente pode ser visto como reflexo, como a projeção física da camada interior do(s) personagem(ns). O cenário no qual a trama se desenvolve adquire assim maior valor simbólico, visto que, “em sua multiplicidade de detalhes, cada peça do cenário tem a função de colaborar com a “atmosfera” [...]” (WILLIAMS, 2010, p.156), ou seja, esse conjunto de cenário e objetos é representação do que pode e não pode ser visto.

## REFERÊNCIAS

BODEI, Remo. *La vida de las cosas*. Buenos Aires/Madrid, Amorrortu Editores, 2013.

HILLMAN, James. *"Anima Mundi: O Retorno da Alma ao Mundo"*, in *O Pensamento do Coração e a Alma do Mundo*. Trad. Gustavo Barcellos. Campinas, Versus, 2010.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. *Uma nova forma de narrar a história : a renovação do romance histórico em Luiz Ruffato / Ingrid Zanata Riguetto*. 2016. 112 f (Perspectivas Teóricas no Estudo da Literatura (PTEL) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2016.



RUFFATO, Luiz. *A literatura segundo Luiz Ruffato*. [jan.-jun- 2007] Revista do CESP: Entrevista: A Literatura segundo Luiz Ruffato. Entrevista concedida à Janine Resende Rocha - p. 203-213.

RUFFATO, Luiz. *O Mundo Inimigo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005. Volume II (Inferno Provisório)

WILLIAMS, Raymond.. *Drama em Cena*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

#### REFERÊNCIA FÍLMICA:

REDEMOINHO. Diretor de José Luiz Villamarim. Globo Filmes. Brasil: 2016. Vitrine Filmes, 2016. (100 min) colorido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3RU-SdFAYE>. Acesso em: 22 out. 2018.